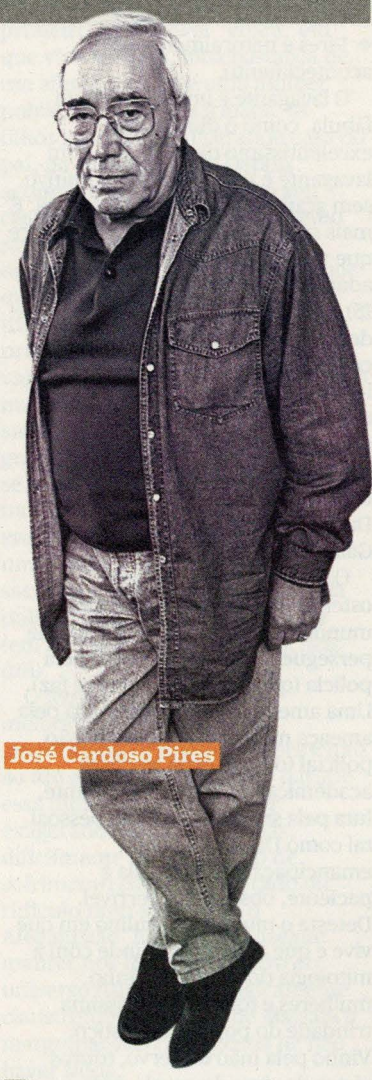




José Cardoso Pires

Desencontro habitado

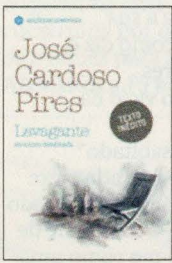
Talvez fizesse mais sentido incluir este texto num volume de contos completos; ainda assim, um inédito de Cardoso Pires é um acontecimento.

Pedro Mexia

Lavagante

José Cardoso Pires

Edições Nelson de Matos



“Lavagante” é uma ficção de José Cardoso Pires escrita entre 1963 e 1968 (datas de publicação de “O Hóspede de Job” e “O Delfim”). Um excerto apareceu na revista “O

Tempo e o Modo”, como capítulo de um “work in progress” que nunca viu a luz do dia, e no espólio existem outros dactiloscritos e manuscritos. O texto tal como agora o lemos é essencialmente um conto longo, com uma concentração temporal e um acabamento que não sugerem um romance. Talvez fizesse mais sentido incluir este texto num volume de contos completos; ainda assim, um inédito de Cardoso ➔



← Pires é naturalmente um acontecimento.

O lavagante é imagem de uma fábula, como o dinossauro excelentíssimo de 1972: “ (...) um lavagante é um crustáceo primitivo, sem grandes requintes na cozinha. É mais saboroso que a lagosta e parece que mais selvagem porque não se adapta tão bem aos viveiros” (pág. 15). O lavagante alimenta o safo que depois devora, e assim acontece com as duas personagens desta história. O lavagante talvez seja Cecília, a estudante ativa e angustiada que seduz Daniel, um médico oposicionista, e depois o entrega à polícia. Ou talvez seja Daniel, Pigmalião que educa uma Galateia desleal.

O conto tem um contexto ostensivamente político: é um mundo definido pela Censura (que persegue o que se escreve) e pela polícia (que persegue o que se faz). Uma ameaça muda aumentada pela ameaça mais visível da repressão policial (o texto ecoa as crises académicas). Cecília, a estudante, luta pela sua emancipação pessoal, tal como Daniel luta pela emancipação política. Ela é paciente, obstinada e terrível. Detesta o mundo masculino em que vive e que aliás se confunde com a mitologia do regime: “Vinho, mulheres e touros, a santíssima trindade do português castiço. Vinho pela mão do servo, touros vistos de cima do cavalo para poupar o rico corpinho e mulheres sem passado por causa dos problemas” (pág. 43). Cecília cita Bergman e Visconti e procura “devenir femme” (na famosa definição de Beauvoir). Mas esse seu triunfo feminista necessita de uma estratégia antiga: a conquista de um homem, e o conto é especialmente impressivo nos episódios nocturnos em que Cecília, “pull-over” e camisa de colarinho abotoado, enleia Daniel no seu nervosismo excitante. Quando atinge os seus objectivos, Cecília dispõe da vida de Daniel, como os homens fazem habitualmente com as mulheres. Ela imagina essa vingança histórica como uma “reconstituição do hímen”, que apaga o pecado e o sangue. A traição é o processo pelo qual Cecília recupera a sua “inocência”: afinal, como diz o narrador, “as mulheres independentes têm o vício da autoridade”.

Este “encontro desabitado” (subtítulo do livro) é contado noite dentro por Daniel: “Acolá, arrumado em frente do portão, o Dauphine de Daniel representa-se-me como uma testemunha ensonada da narrativa que se vai desfiando debaixo deste alpendre. Vejo-o, num amontoado de sombras pesadas, com os olhos mortícios a piscarem molemente sempre que, ao fundo da estrada, se anunciam os faróis de qualquer automóvel. E imagino-o, não nesta noite, mas noutra, em pleno Inverno, parado à chuva numa rua deserta, com dois passageiros lá dentro a falarem e a ouvirem o

rádio” (pág. 32). Daniel e o narrador vêem Lisboa da outra margem, observam imóveis a fauna triste nas praias remediadas, o fim do dia e a madrugada inclemente. A descrição é sempre sucinta e justa. O desânimo é radical. A narrativa procura encontrar algum sentido nos combates políticos e passionais, mas cai naquele pessimismo burguês que caracteriza a ficção de Cardoso Pires na década de 1960.